



CÓD: OP-016AB-23
7908403534715

SEED-PR
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DO ESTADO DO PARANÁ

Professor- Língua Portuguesa

EDITAL Nº 011/2023

Conhecimentos Didáticos

1. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR: documentos curriculares do Paraná e o seu Quadro Organizador	5
2. Plano de aula, relação entre o planejamento da aula e o atendimento dos objetivos de aprendizagens, relação entre o desenvolvimento das competências gerais e específicas e as estratégias/metodologias utilizadas pelo professor e a avaliação	5
3. A METODOLOGIA VIABILIZANDO A APRENDIZAGEM: as estratégias de ensino, sua correlação com os recursos didáticos . . .	11
4. Observação de sala de aula: estratégias de construção de parceria com o pedagogo;	11
5. A importância das Metodologias Ativas	12
6. Plataformas educacionais como meio para desenvolver habilidades	13
7. A GESTÃO DE SALA DE AULA: a importância do Tripé (Organização da Coletividade, Cuidado com as Relações Interpessoais e Mediação do Conhecimento)	14
8. Estratégias de gestão do tempo e da aprendizagem	14
9. A importância do clima escolar para a construção do respeito e de um ambiente acolhedor para a formação do estudante .	14
10. A AVALIAÇÃO E A RECUPERAÇÃO DA APRENDIZAGEM: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa; recuperação de estudos e reavaliação; critérios, instrumentos e intencionalidade da avaliação escolar.	15

Estatuto da Criança e do Adolescente

1. Lei Federal nº 8.069/1990 e suas alterações (Estatuto da Criança e do Adolescente): Arts. 56, 232 e 245	35
--	----

Conhecimentos Específicos Professor - Língua Portuguesa

1. Leitura e interpretação textual. . Identificação de formas distintas de diferentes linguagens.	37
2. Consideração da percepção, do imaginário, da capacidade de simbolizar e do repertório imagético, corporal e sonoro em diferentes textos.	37
3. Análise discursiva. Tipologia discursiva. . Constituição, Formulação e Circulação de diferentes discursos. Condições de produção, ideologia e memória discursiva. Relações entre textos.	38
4. Funções da Linguagem: Categorização e identificação das diferentes funções da linguagem (emotiva, referencial, conativa, fática, poética, metalinguística). Análise e comparação das funções das diferentes linguagens.	38
5. Significados e simbologia nos textos.	39
6. Linguística Textual: Coesão e coerência	40
7. Progressão textual	40
8. Pronominalização, seleção de artigo, ordem das palavras, relação tema/tópico	41
9. Concordância verbal e nominal	42
10. Regência verbal.	44
11. Teoria Literária: Argumentação filosófica e científica acerca do texto literário. Narratologia. Elementos essenciais da narrativa, suas características e funções. Diferenciação entre conflito gerador da narrativa, clímax do enredo e conflito do personagem. Estilística. Caracterização de estilos de época e estilos autorais. Estética. Função social da literatura	45
12. 6. Poética: 6.1. Processos de formulação poética: versificação, estrofação, ritmo rítmico, métrica. Diferentes tipos poéticos de acordo com as condições de produção	50
13. Gêneros textuais: Identificação de características condicionais aos textos de diferentes gêneros. Estruturas textuais e discursos em diferentes contextos. Dialogismo	52
14. Fonética e Fonologia: Tonicidade. Sílabas tônicas e átonas	58
15. Acentuação. Relações entre tonicidade e acentuação. Classificação das palavras conforme as regras de acentuação	59
16. Ortografia oficial: Efeitos de sentido produzidos pela equivocidade ortográfica	60
17. Uso das linguagens de acordo com suas condições de produção e recepção social, de modo a discutir finalidade, função, funcionamento e apropriação da norma ortográfica.	60

ÍNDICE

18. Morfossintaxe: Sintaxe de acordo com a norma padrão. Efeitos de sentido produzidos pela morfossintaxe e pontuação no texto.	61
19. Processos de formação de palavras	65
20. Semântica. Efeitos de sentido de acordo com relações semânticas das palavras	65

Portanto, lembre-se da Taxonomia de Bloom ao definir os objetivos: conforme o domínio, os objetivos são expressos por verbos que explicitam a ação esperada, de forma coerente. Ex: considerando o domínio cognitivo, o verbo escolhido no objetivo deve expressar o que o estudante deverá conhecer; no domínio psicomotor, o que o estudante deverá ser capaz de fazer e no domínio afetivo que atitudes e comportamentos o estudante deverá adotar após a aula.

Características dos objetivos bem delineados:

- Orientados para os sujeitos da ação;
- Fornecem uma descrição dos resultados desejados;
- São claros e precisos;
- São facilmente compreendidos;
- São relevantes;
- São realizáveis.

3. CONTEÚDOS

A seleção dos conteúdos a serem trabalhados na aula deve responder a questão: Para alcançar os objetivos delineados quais conteúdos devem ser trabalhados?

Considere também os critérios abaixo:

- Vinculação aos objetivos;
- Validade (aplicável à vida real);
- Significância (relação com experiências pessoais dos sujeitos);
- Utilidade para os sujeitos (atender as necessidades e interesses dos estudantes);
- Adequado à diversidade dos sujeitos;
- Adequado ao tempo da ação.

Para facilitar o delineamento dos conteúdos e seleção das estratégias de ensino, propõe-se a tipologia dos conteúdos de aprendizagem:

– **Factuais:** referem-se ao conhecimento de fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares. Envolve memorização e repetição.

– **Conceituais:** relacionam-se com conceitos propriamente ditos e referem-se ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que possuem características comuns. São mais abstratos e envolvem compreensão, reflexão, análise e comparação. Envolve compreensão e utilização dos conhecimentos.

– **Procedimentais:** Referem-se ao aprender a fazer, envolvem regras, técnicas, métodos, estratégias e habilidades. Como exemplos, temos: ler, desenhar, observar, classificar e traduzir. A aprendizagem envolve a realização de ações, ou seja, para aprender é preciso fazer e aplicar o conhecimento em diferentes contextos.

– **Atitudinais:** envolvem valores, atitudes e normas. Incluem-se nesses conteúdos, a cooperação, a solidariedade, o trabalho em grupo, o respeito, a ética e o trabalho com a diversidade. A aprendizagem desses conteúdos envolve a reflexão, tomada de posição e avaliação, o que pode ser facilitado por meio de estudos de casos, situações-problemas, júri simulado, etc.

Selecione os conteúdos, baseando-se no Plano de Ensino, estabelecendo uma sequência lógica para facilitar a integração dos demais conteúdos. Conforme o contexto pode-se estabelecer a abordagem dos aspectos mais gerais até os mais específicos, preferencialmente iniciando dos mais simples para os mais complexos.

Certifique-se de que está contemplando o necessário para o momento, quantitativa e qualitativamente, sem exceder os limites, incluindo outros assuntos que podem ser abordados posteriormente, de maneira mais facilitadora, à compreensão e ao aprendizado.

4. ESTRATÉGIAS

Corresponde aos caminhos/meios para atingir os objetivos. Para a seleção das estratégias de ensino é preciso responder a questão: Que situações de aprendizagem devo organizar para que o estudante atinja os objetivos delineados?

Alguns critérios devem ser considerados na seleção das estratégias:

- Concepção pedagógica adotada;
- Domínios dos objetivos;
- Tipologia dos conteúdos;
- Características dos estudantes;
- Características da estratégia;
- Características do professor;
- Características do assunto abordado;
- Tempo para desenvolvimento da ação;
- Recursos disponíveis: materiais, físicos, humanos e financeiros.

Na seleção das estratégias o alcance dos objetivos se torna mais fácil quando estas:

- Permitem resgatar o conhecimento prévio dos estudantes;
- Promovem a participação ativa dos estudantes;
- Valorizam os saberes dos estudantes, ainda que estes sejam do senso comum.

Alguns exemplos de estratégias de ensino:

– Jogos, dramatização, dinâmica de grupo, roda de conversa, oficina pedagógica, palestra, projetos, resolução de problemas, blogs, seminários, estudos de caso e outros.

5. RECURSOS DIDÁTICOS

São os meios necessários à concretização da estratégia. Estão relacionados aos métodos de ensino e estratégias a serem utilizadas. Devem ser previstos os recursos materiais, físicos, humanos e financeiros.

Os recursos variam desde quadro branco, pincel e apagador, projetor de slides, filmes, mapas, cartazes, aplicativos e softwares de última geração. É importante contemplar ainda manifestações artísticas na formação, tais como poesias, músicas, esculturas, pinturas, fotografias para aprimorar a inserção cultural dos estudantes.

Considerando o perfil atual dos estudantes, os nativos digitais, torna-se vital a inclusão das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em atividades dinâmicas como jogos, simulações, aulas virtuais, etc. Isso faz com que estudantes e professores se sintam estimulados, tornando o conteúdo mais agradável com vistas a facilitar a compreensão e o aprendizado.

Considere que a eleição de determinados recursos e estratégias metodológicas expressam as concepções pedagógicas adotadas pelo docente e pela escola, bem como as intencionalidades subliminarmente identificadas no processo educativo.

6. AVALIAÇÃO

Trata da verificação do alcance dos objetivos e compreende: o processo de avaliação, os critérios e os instrumentos necessários a esse propósito. Vamos trabalhar com quatro questões fundamentais:

1. Por que avaliar?

Trata-se da verificação do alcance dos objetivos e compreende verificar se:

- Os objetivos foram alcançados?
- O que deu certo?
- O que pode ser mudado/melhorado?

2. O que avaliar?

- A aprendizagem dos estudantes;
- O grau de satisfação dos estudantes e do professor com a aula;
- O planejamento da aula;
- A participação e envolvimento dos estudantes nas atividades desenvolvidas;
- O impacto da aula no dia a dia dos estudantes.

3. Como avaliar:

- Elaborar os critérios de avaliação.
- Construir os instrumentos de avaliação.
- Apresentar e discutir os critérios de avaliação com os estudantes no início da disciplina/aula.

4. Quando avaliar?

- Início do processo: verificar os conhecimentos prévios – Função Diagnóstica.
- Durante o processo: acompanhar a aprendizagem e redirecionar o planejamento – Função Formativa.
- Final do processo: decisão acerca da progressão/certificação do estudante) – Função Somativa.

É desejável que a avaliação tenha caráter contínuo e processual, considerando-se a participação do estudante nas atividades desenvolvidas, a evolução na trajetória escolar e na formação das competências. Os métodos de avaliação devem ser alinhados com as estratégias de ensino, os objetivos e os resultados a serem alcançados.

Seja qual for o método ou sistema de avaliação, considere que o momento de avaliação é também um momento de aprendizado. Requer coerência, respeito, ética e estética.

7. CARGA HORÁRIA

Agora que você já definiu quase todos os componentes de sua aula, é hora de pensar em delimitar o tempo para realização de cada atividade. Para definir a carga horária da aula você deve considerar a complexidade de cada atividade, do assunto tratado, as características dos estudantes, do professor e os recursos selecionados.

Lembre-se que a distribuição da carga horária deve ser relativamente flexível e o professor pode e deve alterá-la conforme o andamento da aula e as necessidades dos estudantes.

8. BIBLIOGRAFIA

Ao preparar a aula, o professor necessita selecionar referências atualizadas e de origem confiável oriundas de órgãos governamentais, instituições de renome, reconhecidas nacional/internacionalmente e compartilhar com os estudantes para que possam aprimorar o aprendizado.

— O planejamento como direcionador da prática pedagógica

A educação ao longo dos tempos foi se constituindo como uma ação que não significa apenas a transmissão de informações, é vista como responsável pela formação do sujeito como um todo, uma fonte de transformação que inova e que influencia o desenvolvimento do indivíduo e do país. A escola tem a responsabilidade de oferecer aos alunos uma formação que os contemple em seus diferentes aspectos⁴.

Para atender às expectativas, precisa-se de uma proposta muito bem articulada, que se materializará através do planejamento. Esse recurso, ao chegar às instituições, irá se caracterizar como algo organizacional, uma importante tarefa na administração da unidade educativa e um norteador para prosseguir com a parte administrativa e com a pedagógica.

Configura-se como encadeamento de ações pensadas de maneira prévia a serem desenvolvidas em um momento futuro, uma antecipação consciente de etapas do trabalho previsto para acontecer. Portanto, é um recurso relevante para o bom funcionamento da educação.

O planejamento é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isso é necessário ‘amarrar’, ‘condicionar’, estabelecer as condições, objetivas e subjetivas, prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (o que vem primeiro, o que vem em seguida), no espaço (onde vai ser feita), as condições materiais (equipamentos que serão necessários), bem como a disposição interior, para que aconteça; caso contrário, vai-se improvisando, agindo sob pressão, administrando por crise.

Nesta concepção, o planejamento é um instrumento que guia conscientemente a ação educativa, para que ela tenha suas intencionalidades e se evite uma rotina viciada e a improvisação. Planejar é ter um olhar minucioso, ao prever, passo a passo, um trabalho a ser realizado, para que se possa pensar nos recursos a serem utilizados, no tempo que será necessário e na sistematização das ações.

Estabelecer os objetivos é relevante, porque eles agem como uma espécie de impulso, e isso implica a busca de resultados satisfatórios, que dão sentido à prática e melhoram sua qualidade. Quando não se planeja, corre-se o risco de se perder no espontaneísmo, seja no campo de ensino ou em outros espaços de atuação social e profissional.

Sem o planejamento nossas ações acontecem de maneira avulsa e sem intencionalidade, por isso com menos possibilidades de darem certo. Ao discutir educação, essa premeditação é indispensável.

Discute-se a importância do planejamento, principalmente em tempos de precarização da educação. Numa sociedade em que o conhecimento também deixou de ser espontâneo e passou a ser uma necessidade social deliberada, não é mais possível fazer educação sem um planejamento detalhado e rigoroso dos passos a serem dados, das ações a serem realizadas, dos objetivos visados, das variáveis que interferem no processo, das estratégias a serem adotadas, considerando a sociedade que se tem e a que se quer construir.

⁴ COSTA, Andreia de Oliveira Santos da Costa; e RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva. PLANEJAMENTO E PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO ENTRE DOCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ARARA-PB. REVISTA PEDAGÓGICA | v.22, 2020.

ANÁLISE DISCURSIVA. TIPOLOGIA DISCURSIVA. CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE DIFERENTES DISCURSOS. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, IDEOLOGIA E MEMÓRIA DISCURSIVA. RELAÇÕES ENTRE TEXTOS

A análise discursiva é uma área de estudo que se dedica a investigar os diferentes tipos de discurso, suas condições de produção e circulação, bem como suas relações com outros textos e a ideologia que os sustenta. Neste texto, apresentaremos alguns dos principais conceitos e abordagens da análise discursiva, a fim de contribuir para uma melhor compreensão das práticas discursivas em diversos contextos sociais.

— Tipologia Discursiva

Os discursos são formas de linguagem que se manifestam em diferentes situações de comunicação, sejam elas formais ou informais, institucionais ou cotidianas, orais ou escritas. A tipologia discursiva se refere aos diferentes tipos de discurso que podemos encontrar na sociedade, como o discurso político, o discurso religioso, o discurso jurídico, o discurso científico, entre outros. Cada tipo de discurso apresenta características específicas em relação a sua linguagem, estrutura e objetivos, e é influenciado pelas condições de produção e circulação em que se insere.

— Constituição, Formulação e Circulação de Diferentes Discursos

A análise discursiva se preocupa em estudar como os discursos são constituídos e formulados, bem como as condições sociais, históricas e políticas que influenciam sua circulação e interpretação. Assim, a análise discursiva considera aspectos como o contexto em que o discurso é produzido, a posição social e ideológica do locutor, as estratégias de persuasão utilizadas, a escolha de temas e palavras, a construção de imagens e metáforas, entre outros elementos que compõem o discurso.

— Condições de Produção, Ideologia e Memória Discursiva

As condições de produção se referem aos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que influenciam a produção de um discurso. A ideologia, por sua vez, está relacionada às crenças e valores que sustentam determinado discurso, bem como às relações de poder e dominação que são reproduzidas ou questionadas por ele. A memória discursiva, por fim, diz respeito à história e à tradição que envolvem determinado tipo de discurso, como o discurso religioso, que se baseia em tradições e mitos que são passados de geração em geração.

— Relações entre Textos

A análise discursiva também se interessa pelas relações que os discursos estabelecem com outros textos, sejam eles do mesmo gênero ou de gêneros diferentes. Essas relações podem ser de continuidade, quando um discurso se baseia em outro anterior, de oposição, quando um discurso contesta o outro, de complementaridade, quando um discurso completa ou amplia o outro, entre outras formas de interação entre os textos.

FUNÇÕES DA LINGUAGEM: CATEGORIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DAS DIFERENTES FUNÇÕES DA LINGUAGEM (EMOTIVA, REFERENCIAL, CONATIVA, FÁTICA, POÉTICA, METALINGUÍSTICA). ANÁLISE E COMPARAÇÃO DAS FUNÇÕES DAS DIFERENTES LINGUAGENS

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Funções da linguagem são recursos da comunicação que, de acordo com o objetivo do emissor, dão ênfase à mensagem transmitida, em função do contexto em que o ato comunicativo ocorre.

São seis as funções da linguagem, que se encontram diretamente relacionadas com os elementos da comunicação.

Funções da Linguagem	Elementos da Comunicação
Função referencial ou denotativa	contexto
Função emotiva ou expressiva	emissor
Função apelativa ou conativa	receptor
Função poética	mensagem
Função fática	canal
Função metalinguística	código

Função Referencial

A função referencial tem como objetivo principal informar, referenciar algo. Esse tipo de texto, que é voltado para o contexto da comunicação, é escrito na terceira pessoa do singular ou do plural, o que enfatiza sua impessoalidade.

Para exemplificar a linguagem referencial, podemos citar os materiais didáticos, textos jornalísticos e científicos. Todos eles, por meio de uma linguagem denotativa, informam a respeito de algo, sem envolver aspectos subjetivos ou emotivos à linguagem.

Exemplo de uma notícia:

O resultado do terceiro levantamento feito pela Aliança Global para Atividade Física de Crianças — entidade internacional dedicada ao estímulo da adoção de hábitos saudáveis pelos jovens — foi decepcionante. Realizado em 49 países de seis continentes com o objetivo de aferir o quanto crianças e adolescentes estão fazendo exercícios físicos, o estudo mostrou que elas estão muito sedentárias.

Em 75% das nações participantes, o nível de atividade física praticado por essa faixa etária está muito abaixo do recomendado para garantir um crescimento saudável e um envelhecimento de qualidade — com bom condicionamento físico, músculos e esqueletos fortes e funções cognitivas preservadas. De “A” a “F”, a maioria dos países tirou nota “D”.

Função Emotiva

Caracterizada pela subjetividade com o objetivo de emocionar. É centrada no emissor, ou seja, quem envia a mensagem. A mensagem não precisa ser clara ou de fácil entendimento.

Por meio do tipo de linguagem que usamos, do tom de voz que empregamos, etc., transmitimos uma imagem nossa, não raro inconscientemente.

Emprega-se a expressão função emotiva para designar a utilização da linguagem para a manifestação do enunciador, isto é, daquele que fala.

Exemplo: *Nós te amamos!*

Função Conativa

A função conativa ou apelativa é caracterizada por uma linguagem persuasiva com a finalidade de convencer o leitor. Por isso, o grande foco é no receptor da mensagem.

Trata-se de uma função muito utilizada nas propagandas, publicidades e discursos políticos, a fim de influenciar o receptor por meio da mensagem transmitida.

Esse tipo de texto costuma se apresentar na segunda ou na terceira pessoa com a presença de verbos no imperativo e o uso do vocativo.

Não se interfere no comportamento das pessoas apenas com a ordem, o pedido, a súplica. Há textos que nos influenciam de maneira bastante sutil, com tentações e seduções, como os anúncios publicitários que nos dizem como seremos bem-sucedidos, atraentes e charmosos se usarmos determinadas marcas, se consumirmos certos produtos.

Com essa função, a linguagem modela tanto bons cidadãos, que colocam o respeito ao outro acima de tudo, quanto espertalhões, que só pensam em levar vantagem, e indivíduos atemorizados, que se deixam conduzir sem questionar.

Exemplos: Só amanhã, não perca!
Vote em mim!

Função Poética

Esta função é característica das obras literárias que possui como marca a utilização do sentido conotativo das palavras.

Nela, o emissor preocupa-se de que maneira a mensagem será transmitida por meio da escolha das palavras, das expressões, das figuras de linguagem. Por isso, aqui o principal elemento comunicativo é a mensagem.

A função poética não pertence somente aos textos literários. Podemos encontrar a função poética também na publicidade ou nas expressões cotidianas em que há o uso frequente de metáforas (provérbios, anedotas, trocadilhos, músicas).

Exemplo:

*“Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...”*

(Cecília Meireles)

Função Fática

A função fática tem como principal objetivo estabelecer um canal de comunicação entre o emissor e o receptor, quer para iniciar a transmissão da mensagem, quer para assegurar a sua continuação. A ênfase dada ao canal comunicativo.

Esse tipo de função é muito utilizado nos diálogos, por exemplo, nas expressões de cumprimento, saudações, discursos ao telefone, etc.

Exemplo:

-- Calor, não é!?
-- Sim! Li na previsão que iria chover.
-- Pois é...

Função Metalinguística

É caracterizada pelo uso da metalinguagem, ou seja, a linguagem que se refere a ela mesma. Dessa forma, o emissor explica um código utilizando o próprio código.

Nessa categoria, os textos metalinguísticos que merecem destaque são as gramáticas e os dicionários.

Um texto que descreva sobre a linguagem textual ou um documentário cinematográfico que fala sobre a linguagem do cinema são alguns exemplos.

Exemplo:

Amizade s.f.: 1. sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades. *“sentia-se feliz com a amizade do seu mestre”*

2. POR METONÍMIA: quem é amigo, companheiro, camarada. *“é uma de suas amizades fiéis”*

SIGNIFICADOS E SIMBOLOGIA NOS TEXTOS

A linguagem é uma forma de comunicação essencial para a humanidade e os textos são uma das principais formas de expressão da linguagem escrita. Em um texto, as palavras e frases são usadas para transmitir significados e simbolismos que podem ter diferentes interpretações e reflexões. Neste contexto, é importante compreender a importância dos significados e simbologia nos textos, especialmente no contexto educacional.

— Interpretação de textos

A interpretação de textos é uma habilidade fundamental no processo educacional. Ao ler um texto, é necessário entender o significado das palavras e frases utilizadas, bem como identificar as simbologias presentes na mensagem. A interpretação de textos permite ao leitor compreender a mensagem que o autor deseja transmitir e refletir sobre seu conteúdo.

— Significado

O significado é a representação mental de uma ideia ou conceito. Em um texto, as palavras são usadas para transmitir significados, que podem ser interpretados de diferentes formas pelos leitores. O significado de uma palavra pode variar de acordo com o contexto em que é utilizada, bem como a percepção e conhecimento prévio do leitor.

— Simbologia

A simbologia é uma forma de expressão que utiliza símbolos para transmitir uma mensagem ou ideia. Os símbolos podem ser representados por imagens, cores, formas, entre outros elementos. A simbologia é amplamente utilizada em textos literários, poéticos e religiosos, e muitas vezes permite uma interpretação mais profunda e subjetiva da mensagem.

— Importância na educação

A compreensão dos significados e simbologias nos textos é fundamental no processo educacional, pois permite ao aluno interpretar corretamente as mensagens transmitidas pelos autores e, assim, compreender melhor o conteúdo estudado. Além disso, a análise dos significados e simbologias nos textos pode estimular a reflexão crítica e criativa, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais ampla e profunda do mundo ao seu redor.

Humanismo (século XV)

Marcado pela transição do teocentrismo para o antropocentrismo, as principais características do Humanismo são: foco no psicológico das personagens (crônicas históricas e teatro) e separação do texto literário e da poesia.

Quinhentismo/Classicismo (século XVI)

O classicismo é o nome atribuído às manifestações literárias que ocorreram em Portugal no século XVI, sendo suas principais características o antropocentrismo, universalismo, nacionalismo, predomínio da razão e do equilíbrio e rigor formal. Por sua vez, o Quinhentismo é o nome da primeira manifestação literária ocorrida no Brasil no século XVI, após a chegada dos portugueses. As principais características do Quinhentismo são: literatura Informativa (crônicas de viagens) baseada em temas sobre a conquista material e espiritual, e a literatura de catequese.

Barroco/Seiscentismo (século XVII)

Surgido com a crise renascentista europeia no período da Contrarreforma, o barroco representa a escola literária do conflito do corpo e da alma, baseada na busca dos valores humanísticos donde congrega duas principais características: cultismo (jogo de palavras) e o conceptismo (jogo de ideias).

Arcadismo/Setecentismo (século XVIII)

Retorno ao modelo clássico, o arcadismo ao contrário do barroco busca a objetividade, sendo suas principais características: bucolismo (natureza), predomínio da razão, cientificismo, universalismo e materialismo.

Romantismo (primeira metade do século XIX)

No período romântico há o rompimento com a tradição clássica (greco-romana), sendo suas principais características: sentimentalismo, nacionalismo, subjetividade, individualidade, egocentrismo, escapismo, idealização da mulher.

Realismo (segunda metade século XIX)

Oposto aos ideais românticos, o realismo pretendeu desenvolver um retrato mais fidedigno da realidade, sendo suas principais características: objetivismo, veracidade, contemporaneidade, foco no psicológico das personagens, temática social, urbana e cotidiana.

Naturalismo (segunda metade século XIX)

Diante de uma linguagem mais próxima do coloquial, o naturalismo recorre a uma visão determinista e mecanicista do homem, de forma que propõem apresentar a realidade com objetividade. Além disso, outra característica marcante do naturalismo é a presença de personagens patológicas (desequilibradas e doentias com características de morbidez).

Parnasianismo (segunda metade século XIX)

A maior preocupação dos poetas parnasianos foi a busca do rigor estético, traduzido na perfeição da forma poética, sendo suas principais características: objetivismo, cientificismo, universalismo, culto à forma poética.

Simbolismo (final do século XIX)

Movimento literário oposto ao realismo e naturalismo, o simbolismo utiliza da musicalidade para propor uma arte mais subjetiva, relacionada à imaginação (subconsciente e inconsciente) e ao irracional.

Pré-Modernismo e Modernismo (século XX)

Movimento de transição literária entre o simbolismo e o modernismo, o pré-modernismo despontou no Brasil no início do século XX. Composto de uma grande variedade estética (gama de características), ele rompeu com o academicismo, ao propor uma arte mais próxima do cotidiano e da realidade, a partir de uma linguagem coloquial traduzida no regionalismo e marginalização de personagens. Da mesma forma, o Modernismo rompeu com o tradicionalismo, propondo uma libertação estética e formal da arte literária.

Pós-Modernismo

O Pós-Modernismo surge a partir dos anos 50, o movimento pós-modernista vigora até os dias atuais pautados na imprecisão, no hiper-realismo, na individualidade e na busca incessante do prazer (hedonismo).

— Ensino Globalizado e Formação da Cidadania

No discurso popular, a globalização é muitas vezes sinônimo de internacionalização, referindo-se à crescente interconectividade e interdependência de pessoas e instituições em todo o mundo. Embora esses termos tenham elementos em comum, eles assumiram significados técnicos que os distinguem uns dos outros e do uso comum. Internacionalização é o termo menos teorizado. A globalização, por outro lado, passou a denotar as complexidades da interconexão, e os estudiosos produziram um grande corpo de literatura para explicar o que parecem ser influências mundiais inelutáveis em configurações locais e respostas a essas influências.

Influências de escala global tocam aspectos da vida cotidiana, por exemplo, políticas de ajuste estrutural e cartas de comércio internacional, como a Associação Norte-Americana de Livre Comércio (NAFTA) e a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), reduzem as barreiras ao comércio, promovem ostensivamente empregos e reduzem o preço dos bens para os consumidores através das nações. No entanto, eles também transferem o apoio de indústrias “antigas” para as mais novas, criando deslocamentos e forçando alguns trabalhadores a perderem empregos, e provocaram grandes e até violentas manifestações em vários países. A expansão da democracia também faz parte da globalização, dando a mais pessoas acesso aos processos políticos que afetam suas vidas, mas também, em muitos lugares, ocultando desigualdades socioeconômicas profundamente enraizadas, bem como áreas de política sobre as quais muito poucos indivíduos têm participação. voz. Mesmo o terrorismo internacional organizado gerado pelo fanatismo islâmico pode ser visto como uma reação de oposição – um esforço de *desglobalização* – à difusão do capitalismo ocidental e do secularismo associado à globalização. As influências da globalização são multidimensionais, com grandes implicações sociais, econômicas e políticas.

A disseminação massiva da educação e das normas de aprendizagem orientadas para o Ocidente em todos os níveis no século XX e as consequências de uma escolaridade amplamente disponível são uma grande parte do processo de globalização. No que diz respeito ao papel das escolas, a globalização tornou-se um grande tema de estudo, especialmente no campo da educação comparada, que aplica teorias e métodos historiográficos e científicos sociais a questões internacionais de educação.

Teoria da Globalização

A globalização é tanto um processo quanto uma teoria. Roland Robertson, com quem a teoria da globalização está mais intimamente associada, vê a globalização como uma compressão acelerada do mundo contemporâneo e a intensificação da consciência do mundo como uma entidade singular. A compressão torna o mundo um lugar único em virtude do poder de um conjunto de ideias globalmente difundidas que tornam irrelevante a singularidade das identidades e tradições sociais e étnicas, exceto dentro de contextos locais e no discurso acadêmico.

A noção da comunidade mundial sendo transformada em uma aldeia global, introduzida em 1960 por Marshall McLuhan em um livro influente sobre a experiência recém-compartilhada da mídia de massa, foi provavelmente a primeira expressão do conceito contemporâneo de globalização. Apesar de sua entrada no léxico comum na década de 1960, a globalização não foi reconhecida como um conceito significativo até a década de 1980, quando a complexidade e a multidimensionalidade do processo começaram a ser examinadas. Antes da década de 1980, os relatos da globalização concentravam-se em uma tendência declarada das sociedades de convergir para se tornarem modernas, descrita inicialmente por Clark Kerr e colegas como o surgimento do homem industrial.

Embora a teoria da globalização seja relativamente nova, o processo não é. A história é testemunha de muitas tendências globalizantes envolvendo grandes alianças de nações e dinastias e a unificação de territórios anteriormente isolados sob impérios como Roma, Áustria-Hungria e Grã-Bretanha, mas também eventos como a ampla aceitação da teoria dos germes e do heliocentrismo, a ascensão de agências transnacionais preocupadas com regulação e comunicação, e uma conceitualização cada vez mais unificada de direitos humanos.

O que diferencia a globalização na vida contemporânea é o amplo alcance e a multidimensionalidade da interdependência, refletida inicialmente no conjunto monitorado de relações entre os Estados-nação surgidos após a Primeira Guerra Mundial. , até que a modernização como um conceito de progressão linear do tradicional para o desenvolvimento para o desenvolvido, as formas de sociedade passaram a ser vistas como muito simplistas e unidimensionais para explicar as mudanças contemporâneas. A teoria da modernização enfatizou o significado funcional da ética protestante na evolução das sociedades modernas, afetadas por atributos objetivamente medidos como educação, ocupação e riqueza ao estimular uma orientação disciplinada para o trabalho e a participação política.

A principal dificuldade com a teoria da modernização era seu foco nas mudanças dentro das sociedades ou nações e comparações entre elas – tendo as sociedades ocidentais como seus principais pontos de referência – negligenciando a interconexão entre elas e, de fato, sua interdependência, e o papel desempenhado por países não-ocidentais no desenvolvimento do Ocidente. Immanuel Wallerstein foi um dos primeiros e mais influentes estudiosos a mostrar as fraquezas da teoria da modernização. Ele desenvolveu a teoria do sistema mundial para explicar como o mundo havia se expandido por meio de um padrão ordenado de relações entre as sociedades impulsionadas por um sistema capitalista de troca econômica. Ao contrário da ênfase no desenvolvimento linear na teoria da modernização, Wallerstein demonstrou como as sociedades ricas e pobres estavam unidas dentro de um sistema mundial, avançando suas vantagens e desvantagens econômicas relativas que transitavam para a política e a cultura. Embora a teoria

da globalização seja mais ampla, mais variada em sua ênfase na disseminação transnacional do conhecimento e geralmente menos determinista em relação ao papel da economia, a teoria do sistema mundial foi fundamental para moldar seu desenvolvimento.

O Papel da Educação

Como a principal agência formal de transmissão de conhecimento, a escola ocupa um lugar de destaque no processo e na teoria da globalização. Os primeiros exemplos de globalização educacional incluem a disseminação de religiões globais, especialmente o islamismo e o cristianismo, e o colonialismo, que muitas vezes interrompeu e deslocou as formas indígenas de escolarização durante grande parte dos séculos XIX e XX. As influências globalizantes pós-coloniais da educação assumiram formas mais sutis.

Na globalização, não são apenas os laços de troca econômica e acordo político que unem nações e sociedades, mas também a consciência compartilhada de ser parte de um sistema global. Essa consciência é transmitida por meio de movimentos transnacionais cada vez maiores de pessoas e uma variedade de mídias diferentes, mas mais sistematicamente por meio da educação formal. A inexorável transformação da consciência provocada pela globalização altera o conteúdo e os contornos da educação, à medida que a escola assume um papel cada vez mais importante no processo.

— Semiótica, Multiletramento E Multimodalidade

Semiótica é o estudo do uso da comunicação simbólica. A semiótica pode incluir signos, logotipos, gestos e outros métodos de comunicação linguística e não linguística. Como palavra, semiótica deriva do grego *sēmeiōtikós*, que descreve a ação de interpretar os signos.

O campo da semiótica se concentra em entender como as pessoas criam e interpretam o significado de signos e símbolos, incluindo como as pessoas se comunicam visualmente por meio de metáforas, analogias, alegorias, metonímias, simbolismos e outros meios de expressão.

A semiótica faz parte do estudo mais amplo da comunicação, incluindo artes visuais, design gráfico e alfabetização visual básica. Designers gráficos, artistas e outros que trabalham em comunicação visual devem considerar como símbolos, signos e cores afetam a interpretação de suas obras. Por exemplo, é importante que um designer gráfico crie um logotipo para uma empresa que não seja apenas atraente e memorável, mas também comunique a impressão que a empresa pretende causar em seus clientes.

Ao anunciar, as empresas visam comunicar adequadamente a essência de sua marca para a demografia segmentada, entendendo como indivíduos de diferentes locais interpretam as comunicações. Dependendo do contexto, os símbolos também variam em significado. Por exemplo, o polegar para cima pode ter vários significados quando usado em determinadas situações, como em uma conversa, mergulho ou carona na beira da estrada.

As empresas usam a semiótica para se comunicar com sucesso com pessoas que falam idiomas diferentes porque os recursos visuais geralmente traduzem mais facilmente do que o texto. No entanto, a semiótica também pode afetar negativamente um negócio, pois as preferências culturais podem moldar se a população gosta ou não de um negócio com base em seu marketing. Organizações e empresas internacionais devem considerar como diferentes culturas interpretam símbolos e cores ao criar produtos e materiais de marketing para suas marcas.